

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal da Tarde

Class.: 28

Data: 12.03.71

Pg.: _____

Na terra distante dos beijos-de-pau

*Índios:
Beijos de Pau*

Atenção, o padre Antônio Iasi vai contar uma de suas aventuras entre os índios brasileiros. Ele quer provar, com ela, que se o homem branco for honesto o índio terminará acreditando nele.

*ST
12.3.71*

Uma das grandes experiências do padre Antônio Iasi, como pacificador de índios, foi o seu encontro, em 1967, com os beijos-de-pau. Ele conta essa aventura, aqui, para explicar como quase sempre acontecem os primeiros contatos de índios com brancos.

— Em maio de 1967, acompanhado do padre Adalberto Pereira, que estava tentando pacificar os beijos-de-pau, instalamo-nos nas margens do rio Parinos. Levamos dois índios (de uma tribo distante) já pacificados e construímos dois ranchos, que seriam a nossa base.

— Ficamos quase um mês vivendo nas choupanas, sem qualquer presença de índios. Na lua cheia, os beijos-de-pau chegaram, mas começava a noite. Primeiro, eles atiraram uma flecha, que bateu na choupana que nos servia de cozinha; depois, mais 44 flechas, durante toda a noite. Eles não tocaram nos presentes que deixamos do lado de fora, perto de casa.

Segundo o padre Iasi, antes das flechas os índios tinham ficado durante mais de seis horas, fazendo "guerra de nervos": soltavam gritos terríveis de dor; eram mais de trinta, fazendo os mesmos sons desesperados.

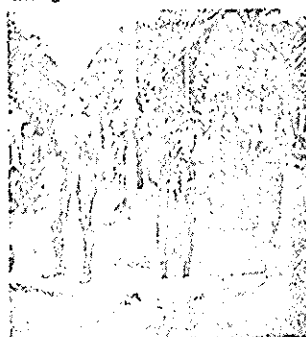
— Conseguimos ver alguns: estavam nus. O corpo pintado. Os homens tinham na boca um disco de madeira, pintado; as mulheres tinham o lóbulo da orelha furado e, nele, usavam um rôlo de folha de buriti.

O ataque dos índios durou quase dezoito horas. E só terminou quando dois deles, que tentavam se aproximar dos ranchos, foram afastados pelo cachorro policial que os padres levaram. No dia seguinte, eles não apareceram. Nem no outro.

— Então — continua o padre Iasi — resolvemos levar presentes até a outra margem do rio que nos separava de suas terras. Foram recebidos com flechas. Uma delas atingiu o padre Adalberto Pereira. Mesmo assim, estávamos decididos a ficar.

— Ficamos. Dois dias mais tarde, percebemos a presença de alguns índios perto do nosso acampamento. O cachorro avançou e eles fugiram, deixando perto da nossa cozinha uma tocha pronta para ser lançada. Levantamos acampamento.

— Passamos a navegar pelas margens do rio, nos deixando



Uma lição que padre Iasi aprendeu: o índio nunca ataca; ele se defende.

ver pelos índios e deixando, também, que vissem os nossos machados e outros instrumentos de trabalho, presentes para eles. Um dia, fomos chamados por alguns beijos-de-pau, num local mais acima daquele em que montamos o primeiro acampamento.

— Aceitamos o convite. Primeiro, fomos apalpadados por três índios. Depois, eles chamaram mais quatro. Duas horas depois, o padre Adalberto, os dois índios pacificados e eu estávamos cercados por treze beijos-de-pau, todos eles muito atentos e pacientes.

O padre Antônio Iasi conta que, depois desse contato, fez muitos outros com os beijos-de-pau. Ele e seus companheiros conseguiram conquistar a confiança dos índios e ensinar a todos eles alguns princípios de higiene.

— Nossa atitude, no contato com eles, era de respeito absoluto. Não tínhamos segredos para os beijos-de-pau e também não íamos além dos lugares que eles nos indicavam.